



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

A ESCUTA PSICANALÍTICA DE MANIFESTAÇÕES AFETIVAS RELATIVAS À PROBLEMÁTICA DA INSEGURANÇA E DA BAIXA AUTOESTIMA

Lucas Palaia Cassas¹

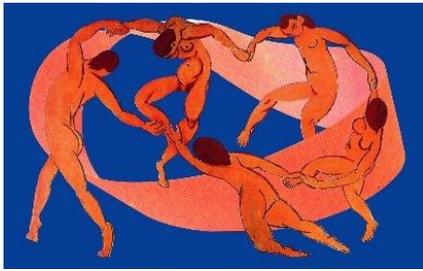
Introdução e objetivos

O presente trabalho tem como objetivo propor uma reflexão acerca das possíveis contribuições da psicanálise para a escuta das queixas de pacientes referentes a como eles se sentem com relação a si mesmos, isto é, a questões concernentes ao que popularmente se denomina como autoestima. Teremos como ponto de partida a demanda clínica de pacientes que considerarem que possuem um sentimento de insegurança excessivo, relacionado com uma falta de confiança em si mesmo e nas suas capacidades, bem como a uma baixa autoestima, levando a quadros que podem, no limite, chegar a um estado de angústia paralisante. Dessa forma, será necessário precisar o que pode ser entendido por “sentimento” ou por “afeto” a partir do repertório conceitual psicanalítico a fim de angariar subsídios para a interpretação e encaminhamento dessas demandas.

Desenvolvimento

De acordo com Barros (1975), a palavra afeto (*Affekt*) é “um dos termos mais confusos do vocabulário psicanalítico” (p. 58). Esse conceito é de fundamental importância metapsicológica, já que ele é um dos representantes (*Repräsentanz*) da pulsão, ao lado da representação (*Vorstellung*). Esses dois representantes da pulsão (*Triebrepräsentant*) operam como delegados da excitação somática, de forma que é apenas através deles que a excitação

¹ lucascassas@hotmail.com, Universidade de São Paulo (USP), Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

somática pode ser percebida pelo aparelho psíquico, já que, para Freud (1905/2016) em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, a pulsão “é um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico” (p. 67). Ainda assim, a pulsão só pode ser conhecida no psiquismo através de seus componentes – afeto e representação – de forma que a operação do recalque consiste em sua separação. Assim, o representante-representação (*Vorstellungrepräsentanz*) é mantido inconsciente, enquanto o destino do representante afetivo (*Affektrepräsentanz*) não é tão bem definido.

No capítulo III do ensaio sobre “O inconsciente”, Freud (1915b/2015) levanta a questão da existência ou não de afetos inconscientes em função da expressão comum entre os psicanalistas de um “sentimento de culpa inconsciente”. Ele deixa claro que “Um instinto não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que o representa” (p. 114). O mesmo vale para o afeto, já que “é da natureza de um sentimento que ele seja sentindo, isto é, que se torne conhecido da consciência” (p. 115). Essa quantidade de afeto, como o nome sugere, é o fator quantitativo da pulsão, cujo destino Freud (1915a/2015) indica no ensaio sobre “A repressão”:

O destino do fator *quantitativo* da representante instintual pode ser triplo, como nos ensina um rápido exame das experiências reunidas na psicanálise. O instinto é inteiramente suprimido, de modo que dele nada se encontra, ou aparece como um afeto, qualitativamente nuançado de alguma forma, ou é transformado em angústia. (p. 92)

Fica claro pela passagem que o fator quantitativo é diferente do qualitativo, de maneira que parece que esse “afeto qualitativamente nuançado” deve ser investido pelo fator quantitativo. Voltemos ao ensaio sobre “O inconsciente”, no qual Freud (1915b/2015) apresenta a seguinte conclusão sobre a expressão de “afetos inconscientes”:

A rigor, e embora esse modo de falar continue sendo irrepreensível, não existem afetos inconscientes. Mas bem pode haver, no sistema *Ics*, *formações afetivas* que, como outras, tornam-se conscientes. Toda



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

a diferença vem de que ideias são investimentos – de traços mnemônicos, no fundo –, enquanto os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga, cujas expressões finais são percebidas como sensações. (p. 116-117, grifos nossos)

Aqui aparece a noção de formação afetiva ou estrutura afetiva (*Affektbildung*), que pode ser entendido como uma estrutura que dá o aspecto qualitativo da descarga do afeto, descrito por Freud (1926/2016) em “Inibição, sintoma e angústia” como “reproduções de experiências antigas, de importância vital, eventualmente pré-individuais, ... como ataques histéricos universais, típicos, inatos” (p. 73).

De acordo com Barros (1975), a estrutura afetiva se forma e opera como engrama inconsciente fixo que, quando energizado, se apresenta como um estado afetivo, da mesma forma que o traço mnêmico energizado se apresenta como representação. Nas palavras do autor:

Assim como a *percepção* dos objetos do *mundo exterior* (*Wahrnehmung*) deixa um resíduo mnêmico (*Erinnerungsspur*), também a *percepção* das oscilações tensionais e das descargas viscerais, do *mundo endógeno* (*Empfindung*), é acompanhada de um outro tipo de resíduo mnêmico, a *estrutura afetiva* (*Affektbildung*).

Em outras palavras, uma *memória cognitiva* (*Erinnerungsspur*) é uma estrutura neural que, energizada por um *afeto* (*Affektgrösse*), durante os processos de evocação ou (re)percepção, adquire uma certa intensidade psíquica (*Affektbetrag*) – apresentando-se então, como uma experiência psíquica, *ideacional* (*Vorstellung*), ou *perceptual* (*Wahrnehmung*).

Do mesmo modo, uma *estrutura afetiva* (*Affektbildung*) é uma estrutura neural que, energizada por um *afeto* (*Affektgrösse*), durante os processo de evocação ou (re)percepção, adquire uma certa intensidade psíquica (*Affektbetrag*) – apresentando-se então, como



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

uma experiência psíquica, *emocional (Affektzustand)* ou *endoperceptual (Empfindung)*. (pp. 60-61)

São essas estruturas afetivas que dão o caráter qualitativo de determinado afeto, enquanto a quantidade de afeto (*Affektgrösse*), como o próprio nome já diz, se refere ao caráter quantitativo: a intensidade (*Affektbetrag*) do estado afetivo (*Affektzustand*). A quantidade de afeto seria equivalente à “libido”, no que diz respeito às pulsões sexuais e ao “interesse” nas pulsões de autoconservação.

O estado afetivo seria, então, um processo consciente, enquanto a estrutura afetiva pode ser inconsciente quando não está energizada por uma quantidade de afeto. Assim, podemos entender o que Freud quer dizer quando afirma que, a rigor, não há sentimento de culpa inconsciente. O que poderia existir é uma estrutura afetiva associada a uma memória que fora recalcada, de forma que reinvestir essa memória traria à tona o sentimento associado a ele. O dito “sentimento inconsciente” não passaria de um *sentimento potencial*, já que “a supressão do desenvolvimento do afeto é o verdadeiro objetivo da repressão” (Freud, 1915a/2015, p. 116).

Uma vez recalçadas, as estruturas representacionais e afetivas permanecem no sistema *Ics*, de forma que fica impossibilitado seu investimento e, portanto, sua manifestação como estado afetivo, graças aos contrainvestimentos lançados pelo Eu. Por outro lado, as estruturas afetivas que não foram recalçadas estariam no sistema *Pcs*, junto de suas representações associadas, aguardando serem investidas para emergir à consciência, já que o desenvolvimento do “estado afetivo” não apresenta perigo. O perigo seria a associação da representação com um afeto classificado como penoso:

uma memória é *traumática* quando está associada a uma *Affektbildung*, qualitativamente penosa: – evocando-se a *idéia* que corresponde a essa memória, evoca-se, também (associativamente), o *estado afetivo*,



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

percebido pelo “ego”, como penoso (*senal de angústia*, nas formulações posteriores). (Barros, 1975, p. 62)

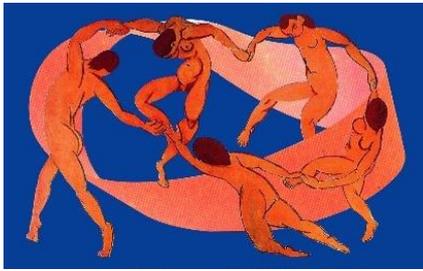
A representação, portanto, deve ser recalçada por seu vínculo associativo com o afeto penoso, já que evocar a representação é evocar também o afeto. Nas palavras de Freud (1885/2016) em “Estudos sobre a histeria”: “O motivo da própria repressão só podia ser uma sensação de desprazer, a incompatibilidade da ideia a ser reprimida com a massa de ideias dominante no Eu” (p. 169).

Nesse sentido, cabe o questionamento de porquê e como determinados afetos penosos são admitidos na consciência, se isso seria uma falha em um mecanismo protetivo ou se esses afetos teriam alguma função.

Na “25ª Conferência”, Freud (1917/2014) inicia uma discussão sobre angústia realista e angústia neurótica, sendo a primeira “racional e compreensível” (p. 521) e, a segunda, excessiva ou desmedida. Em pequena medida, a angústia tem como função alertar o Eu da situação de perigo e dar um sinal de que uma situação de desamparo pode estar se aproximando, de modo que, a partir daí:

O único comportamento adequado ante a ameaça de um perigo seria, com efeito, avaliar calmamente as próprias forças em comparação com o tamanho da ameaça e, então, decidir que alternativa oferece maior perspectiva de um bom desfecho: se a fuga, a defesa ou mesmo o ataque. (pp. 521-522)

Por outro lado, em intensidade demasiada, a angústia paralisa toda ação, até mesmo a fuga. Ou seja, frente a um perigo, a resposta mais adequada é mensurar a própria capacidade de enfrentá-lo e tomar uma decisão de acordo com suas possibilidades. Posteriormente, ao definir a situação de perigo, em “Inibição, sintoma e angústia”, Freud (1926/2016) escreve o seguinte: “Qual é o núcleo da situação de perigo? É claramente a avaliação de nossa força em comparação com sua grandeza, a admissão de nosso desamparo em relação a ela” (p. 115).



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Podemos supor que um perigo aparentemente pequeno pode parecer muito grande, quando o Eu, assolado pelo sentimento de inferioridade, o compara com suas próprias forças. Em pequena medida, o sentimento de insegurança pode ser extremamente útil, já que permite que o Eu avalie suas forças de modo que, sem ele, há um grave risco de subestimar o perigo e ficar à mercê do desamparo.

Na “Conferência 25”, Freud (1917/2014) diferencia entre angústia, temor e terror:

Angst [angústia ou medo], *Furcht* [temor] e *Schreck* [terror]. Apenas acho que “angústia” se refere ao estado, não considerando o objeto, ao passo que “temor” chama a atenção precisamente para o objeto. “Terror”, por outro lado, parece ter um sentido especial, o de realçar o efeito de um perigo que não é recebido com a prontidão da angústia. Pode-se dizer, assim, que o homem se protege do terror por meio da angústia. (p. 523)

Nesses termos, ser invadido pelo “terror” é o perigo que o Eu teme e deve se proteger por meio da angústia, de forma que ser invadido pelo “terror” está vinculado ao desamparo, conceito este que se articula, do ponto de vista econômico, à invasão da psique por uma quantidade de afeto excessiva que se converte em angústia automática, situação em que o Eu ficaria impossibilitado de gerenciá-la. Como mecanismo de defesa para impedir que isso ocorra, essa instância lança mão do sinal de angústia, a liberação intencional de uma pequena quantidade de angústia que pode colocar em andamento o processo defensivo.

É aqui que propomos uma analogia entre sentimento de insegurança e o campo da angústia. Parece-nos que o sentimento de insegurança seria produzido quando o Eu, ao medir suas forças e não se julgar capaz de enfrentar um perigo, passará a ter “temor” do objeto ou situação a que ele se remete, a se sentir ameaçado, prestes a cair vítima do desamparo. Por outro lado, no caso de o Eu se considerar capaz e realizar uma defesa bem-



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

sucedida, um estado afetivo prazeroso de segurança deve vir à tona e, por consequência, ficar registrado como uma estrutura afetiva de *segurança*.

O resultado desse embate também deve enlaçar o ideal do Eu, que, provavelmente, valorizará a capacidade do Eu de se defender sozinho, implicando em um adicional de ganho narcísico em caso de sucesso, ou em uma perda, em caso de falha. Dessa forma, o sentimento de insegurança seria consequência do resultado dessa “medição de forças”. Poderíamos pensar que ele estaria ligado à função de auto-observação do Super-eu, que deve medir o Eu e compará-lo com o ideal do Eu e, podemos supor também, a elementos do mundo externo que possam estar oferecendo ameaça, de forma que, a partir do resultado dessa medida, o Eu possa determinar qual o melhor curso de ação frente a essa ameaça externa.

Palavras-chave: Afeto; Psicanálise; Sentimento de Insegurança; Palavra.

Referências

- Barros, C.P. (1975). Contribuição à controvérsia sobre o “ponto de vista econômico”. In H.V. Brazil (org), *Psicanálise: problemas metodológicos* (pp. 41-78). Petrópolis: Vozes.
- Freud, S. & Breuer, J. (2016). Estudos sobre Histeria. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 2). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2015). A repressão. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 82-98). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915a)
- Freud, S. (2015). O inconsciente. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 99-150). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915b)



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

- Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise (Terceira Parte: Teoria geral das neuroses). 25ª conferência: A angústia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 13, pp. 519-544). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2016). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)